



Pai Pedro



O Kàwè, Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais, da UESC, está preocupado com o reconhecimento da cultura afro-brasileira, entendendo que esta cultura é uma dimensão da cultura nacional e que tem sido marginalizada pela academia... No momento, buscamos contatar pais e mães-de-santo da Região que ajudaram a construir a cultura grapiúna. Assim, imaginamos contribuir para o resgate da

memória dos afro-descendentes e mostrar à comunidade o quanto a Região do Cacau deve a essas pessoas.

Para início de uma série de entrevistas, fomos visitar Pedro Farias, babalorixá em Ilhéus, desde 1942. Num dia especial, oito de dezembro, ele recebeu a equipe do Kãwé para uma conversa amigável e demorada, quando fomos recebidos com distinção e cortesia. *Pai Pedro*, conforme ele se tornou conhecido, às vésperas de completar 80 anos, irradia uma profunda satisfação por ter caminhado pela africanidade. Ele sabe de cor as histórias de Ilhéus e sua memória é simplesmente notória. Mostrando-se pessoa sempre atualizada, ele declara que a mudança é o cerne para que os valores humanos se perpetuem

Kãwé: Desejamos saber alguns aspectos de sua história de vida, como se transformou em babalorixá, como foi esse enfrentamento de uma época em que o candomblé era marginalizado.

PP: Quando entrei no candomblé, existia um preconceito muito grande sobre terreiro. Eu fui o primeiro pai-de-santo que teve a ousadia, em Ilhéus, de bater tambor, coisa que não era permitida a pais e mães-de-santo naquela época. As mães-de-santo, como teve aqui pessoas maravilhosas – Dona Adelaide, uma descendente de escravos, maravilhosa; Dona Jove e outras que viveram aqui – essa gente toda era perseguida. Eram perseguidas como prostitutas e ficha-

das na polícia, tomavam cascudo e eram vigiadas pela polícia. Só fomos ficar livres disso, a partir do governo de Roberto Santos. Quando ele foi governador, fez um decreto-lei, aprovado pela Câmara Estadual, que liberou o candomblé na Bahia, onde o culto é livre, não tem que pagar nada. Cada qual é senhor na sua casa do modo que quer, respeitando as leis. As atuais federações do culto afro-brasileiro, que congregam vários terreiros nos mais diversos Estados, são associações de direito civil e realizadas pelo próprio povo do candomblé, sem nenhuma intervenção dos poderes públicos. Para bater candomblé, não tem mais pedido algum. Antigamente, tinha que pedir licença para o delegado, a fim de o terreiro poder funcionar e olhe lá... Vou lhe mostrar o que tenho aí: os cartões de delegacias de jogos e



costumes, meu retrato fichado na polícia. Ficava uma ficha comigo e outra ficha com eles. Hoje, o candomblé é uma maravilha. Mas antes, as pessoas vinham ao candomblé às escondidas. Aqui, em Ilhéus, a orquestra era apenas constituída por cabaça, pedaços de madeira, e outros instrumentos de fraco alcance; tambor não. Quem primeiro tocou atabaque abertamente, nessa terra, foi eu. Antes, o finado Caboclo foi preso, finada Roxa, Lembanda e Adelaide também. Tudo desceu a ladeira com o tambor batendo na cabeça, para a delegacia.

Kawé: É como se explica o fato dessa perseguição não ter atingido seu terreiro?

PP: Ah, antes de tudo, a cor da pele, a epiderme: eu era um branco. Depois, o nome da família Farias. Meu avô foi quem trouxe o primeiro trem de ferro para Ilhéus. Era engenheiro. Um outro parente, um tio, Horácio Farias, foi o primeiro engenheiro da prefeitura de Ilhéus, dono dos engenhos açucareiros todos, candidato a prefeito de Belmonte. Esse poder sócio-econômico de minha família também possibilitou que o terreiro fundado por mim não fosse perseguido. E também uma coisa muito importante que eu discuto lá, em Salvador, quando eu vou: todo pai ou mãe-de-santo tem que ter uma atividade fora do candomblé. Eu sempre tive. Fui funcionário da prefeitura de Ilhéus durante 40 anos. Então o padre dizia na igreja que pai e mãe-de-santo não batizavam



ninguém. Mas eu batizei porque eu era oficial de gabinete do prefeito. Tenho 2 mil e tantos afilhados em Ilhéus. Sabe o que o padre dizia naquela época? "Ah! aquele é funcionário da prefeitura..." Viu como o mundo é dos espertos?

Kawé: Quando o senhor abriu o terreiro aqui, em Ilhéus?

PP: Em 1942, quando cheguei de Salvador, feito no santo e vim tomar conta da casa de Dona Raquel que tinha morrido e ela era ligada à minha mãe-de-santo.

Kawé: Qual é sua ascendência no candomblé?

PP: A minha ascendência é muito interessante. Sou bisneto de escravos. Minha bisavó era preta, escrava de meu bisavô, que era engenheiro marítimo, português fazedor de barcos. Ela era preta. Ele a comprou por 30 mil réis. Bisavó paterna. Nasce minha avó, casa-se com um português. Minha ascen-

dência é toda assim, português com negro. Aí veio “limpando” o sangue, cheguei eu. Meu pai casou-se com minha mãe, que era clara, bem alva. Então “limpou” mais um pouquinho. Mas tenho um irmão meio moreno, minha família é assim: uns têm cabelos lisos, outros têm cabelos crespos porque houve essa mistura. A minha bisavó era sacerdotisa do culto, mas a sociedade não permitiu que minha avó e minha mãe funcionassem. Então esconderam, abafaram o lado africano. Quando eu nasci, isso aflorou em mim e não teve jeito.

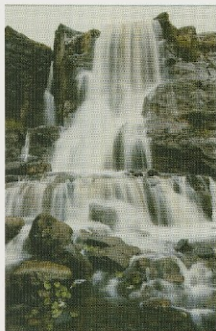
Kawé: É do ponto de vista da iniciação, como foi a sua história para entrar no candomblé?

PP: É para morrer de rir. Eu comecei, com a idade de 5 a 6 anos, a receber espírito dentro de casa. Um negócio manifestando em mim e aí chamaram meus pais e disseram que aquilo era uma força. Uma senhora disse a eles que era uma coisa de descendência, estava no sangue. Meu pai se mudou de Ilhéus, dizendo que a causa da doença estava aqui, em Ilhéus e então nos mudamos para Salvador. Mas a casa que meu pai alugou em Salvador, era defronte a um terreiro e ele não sabia. Quatro ou cinco dias depois que chegamos, teve uma festa na casa da mãe-de-santo. Quando os atabaques zoaram, eu pulei pela janela a fora e já entrei “bolando” porta a dentro da casa e fiquei lá, jogado no chão. A mãe-de-santo nunca tinha me visto antes e não sabia quem eu era. Meu pai chamou a polícia para me tirar de lá. O dele-

gado foi lá e a mãe-de-santo disse: “O menino está aí, pode levar”. Mas não houve quem conseguisse me levantar do chão. Eu tinha me petrificado no barracão, colado no chão, não havia quem me tirasse. Ela disse a meu pai: “Seu filho está aí, não fui eu quem o chamei. O senhor pegue e leve etc.” Meu pai, que era um homem rude, disse: “Vamos embora e deixe ele aí, ele não quer esse demônio?... Interpretaram assim: era o demônio. Aí eu fiquei na casa dela e lá morei 10 anos. Fui estudar, vivi com ela, como se fosse minha verdadeira mãe, minha família. E eu vim retornar ao seio da família depois que meu pai morreu, pois enquanto ele foi vivo não permitiu que eu entrasse na casa dele. Vejam como era a coisa naquela época.

Kawé: Qual o seu percurso e ligações afro-descendentes desde sua iniciação religiosa?

PP: Minha mãe-de-santo chamava-se Joana de Ogun da nação Angola. Toda vida eu fui de Angola. Também vivencio os valores da nação Ketu, eu tenho Oxun, e toda Oxun é Ijexá, mas a minha nação é Angola. Eu sempre fui de Angola. Mas foi uma mistura, tudo na minha vida foi assim. Quando a mãe-de-santo me recolheu, o meu pai-pequeno que tomou conta de mim, era da nação de Ketu, Seu André, chamava-se Jagoburu, morava atrás do asilo de Brotas, naquele tempo era um asilo. Vejam as coisas como são: Raquel, daqui do Pontal, era irmã-de-santo de minha mãe-de-santo. Quando Raquel faleceu, as



1 *Tata* corresponde ao cargo de *babalorixá*, isto é, pai-de-santo.

filhas de santo lá, de Salvador, cujo terreiro ficava na Vila América, não quiseram assumir o terreiro do Pontal. Aí, minha mãe, também não querendo vir para o Pontal, mandou que eu viesse. Então, em 1942, cheguei aqui e fui despachar as coisas de Raquel, absorvi a casa dela e não voltei mais para Salvador. Mais tarde, adquiri a mata que se situava neste local e que pertencia ao Coronel Basílio de Sequeiro de Espinho. Aí, eu comprei essa área grande aqui e montamos o candomblé. Está aqui a raiz do *Terreiro de Odé* até o dia de hoje, quando estamos comemorando 57 anos da fundação do terreiro. O distanciamento com a família de sangue foi resolvido. Eu já iniciei 2 sobrinhos e uma sobrinha. Resultado: hoje o resto da família toda pertence ao santo, frequênta este terreiro. O mundo deu a volta. Eu sempre digo, os africanos tinham ditados interessantes, um deles diz assim: Aqui, em minha casa, eu plantei um pé de *cá-re-espéro*.

Kawé: Como tem sido para o senhor, por mais de meio século, exercer o cargo de pai-de-santo?

PP: Foi a coisa mais maravilhosa que tive na vida. Não me arrependo. Se eu morresse e nascesse novamente, seria novamente o que sou. Novamente Pai Pedro. Eu acho esse nome carinhoso. As pessoas em Ilhéus e a todo canto que vou não me chamam de Pedro Farias, só me chamam de Pai Pedro: criança, velho, padre, freira, bispo, prefeito, juiz, delegado. Eles esqueceram que tenho nome Pedro Farias. Você procure pelo Pedro e acho que ninguém

lhe informa, nem o taxeiro. Eu sempre digo: o cargo de *Tata*¹ que ocupei absorveu a minha personalidade civil, que desapareceu; só ficou a jurídica. Pedro Farias não adianta. Em São Paulo, do carregador até a porta do aeroporto só dizem: "Chegou o Pai Pedro da Bahia!"

Kawé: Qual foi a coisa mais difícil de vivenciar durante a sua trajetória de pai-de-santo?



¹Tata corresponde ao cargo de babalorixá, isto é, pai-de-santo.

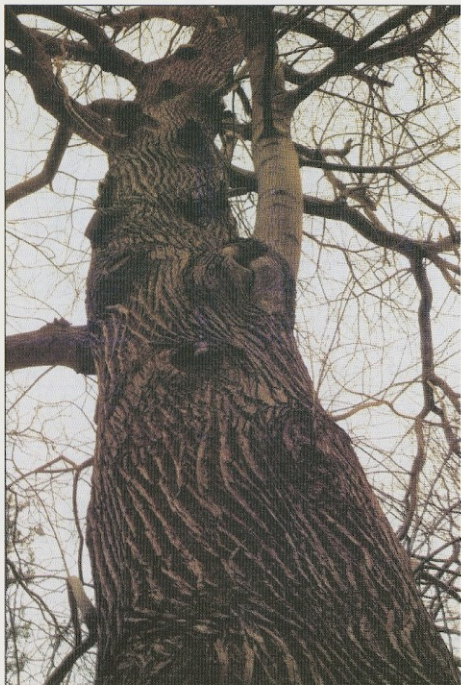
PP: Mais difícil, foi não, continua sendo: labutar com gente. Conseguir coordenar as pessoas, a modalidade de cada um com você porque você é humano, é gente. Tem carne, tem coisas que você não suporta, não aguenta. Ser pai-de-santo não é brincadeira, para quem leva a coisa a sério. Para quem leva em anarquia, molequeira, para ganhar dinheiro, é outra coisa. Porque da forma que existe o sério, existe o desonesto.

Kawé: E como o senhor se situa no candomblé, em relação às pessoas que o rodeiam?

PP: Ainda tenho irmãos de santo em Salvador e aqui, em Ilhéus, sou o pai-de-santo que mais filhos de santo iniciou. Essa casa tem 2 mil e tantos filhos iniciados. Tenho filhos de santo, tenho também filhos legítimos. Tem minha filha que é feita no santo, que é de Oxun e que trabalha. Tem meu filho que mora comigo, tem meus sobrinhos. Se eu sair de cena hoje, assume alguém de imediato. Tem gente aqui boa no negócio. Isso me confere uma certa tranquilidade. Eu hoje, dentro do barracão, tenho que ter a minha obrigação. Porém, se eu apenas iniciar os trabalhos, posso me deitar que o candomblé corre a noite toda. Moro aqui, no terreiro, com muitas pessoas, geralmente entre 10 a 15 pessoas. Criei 10 filhos dos outros e estou criando os netos. Eu jamais saberia morar sozinho. Eu gosto de gente. Só, dizia o africano, se veja o Diabo no inferno, desprezado por Deus. Gente é a coisa mais maravilhosa, mesmo

dando trabalho, mas é calor humano. Gente é tão bom, porque quando a gente está zangado tem até com quem brigar ou com quem dividir alegria.

Kawé: Sua vida particular, pessoal, ofereceu empecilho em relação às coisas do santo?



PP: Não, porque tive uma coisa que pouca gente conseguiu: separei as duas vidas; a minha vida particular é uma e a minha vida de candomblé... Sempre digo ao povo: daquele portão para dentro, eu sou pai-de-santo, Pai Pedro; do portão para fora, Pedro, nem me fale em candomblé, que eu não quero ouvir. Trabalhei 40 anos na Prefeitura, nunca atendi uma pessoa lá. Chegavam lá me procurando e eu dizia: suba e vá me esperar em casa, meu negócio é lá, aqui não. Então assim eu não deixei entrar em atrito. Porque você para viver bem, deve saber separar as duas coisas. Da minha hora de lazer, eu não abro mão para ninguém.

Kawé: Nessa trajetória sua, algum fato, seja do candomblé ou da sociedade em geral, lhe deixou perplexo?

PP: Já tive várias perplexidades. Já vi coisas que nunca imaginaria, não foi no terreiro, foi na vida da gente e eu perguntava se era verdade. O mundo é assim mesmo. Uma vez, um dos guias que trabalharam comigo, Caboclo Lua Azul, deixou dito aqui no terreiro uma coisa muito interessante: "O mundo não é meu, o mundo é de Aleixo; torto no mundo encontro, torto no mundo deixo" e eu aprendi isso com ele. Já vi muita coisa no candomblé e fora dele.

Kawé: Como o senhor compreende a figura de Exu no candomblé?

PP: O culto ao Demônio não

é novidade. Já foi muito forte na Europa medieval. Em relação ao candomblé, há um grande erro no povo nosso em interpretar Exu como o Demônio, o que não é verdade. Aí é que está o erro, mas é uma coisa em que não adianta Stella e outras pessoas quererem tirar essa idéia das pessoas, não vão conseguir. É uma coisa muito carregada. É resultado da força da Igreja na época da escravidão. Exu é o terceiro filho de Nanan, assim como Obaluaiyê e Oxum-marê. Só que Exu é aquele filho rebelde, malcriado, peralta. Exu é um orixá. Ele gosta de dar risada. E as famílias sempre interpretam um filho rebelde assim, como um endemoniado. Aí, como naquela época, os padres achavam que aquilo era Demônio, então houve um sincretismo no próprio meio africano. Exu é o portador, é o mensageiro, é o empregado bom, é aquele que abre a estrada, que abre o caminho, é aquele que limpa para o orixá passar. Mas esse culto a que vocês estão se referindo está se estendendo no Brasil assustadoramente. Eu vou lhe contar uma coisa que eu vi em São Paulo. Eu estava em minha casa, chegou uma senhora e disse: "Pedro, eu sei que você trabalha num centro muito grande, mas eu não vou lhe apresentar como pai-de-santo, vá como se nunca tivesse visto isso." Só que eu não fiquei lá, Oxóssi me tirou de lá. Porque as pessoas cortavam o dedinho pra pingar o sangue em cima da imagem em nome de Exu. Uma loucura, isto é uma histeria coletiva, o homem à procura do desconhecido. Querer chegar aon



de não pode e não aceitar as coisas como são. Nós somos assim. Eu digo porque estou vendo aqui, em Ilhéus, e em Itabuna. Já vi gente recebendo o Cão, dando festa pro Cão. O Cão samba, o Cão dança... Eu não faço isso na minha casa. Eu sou daquelas pessoas que a gira de Exu é uma coisa separada, uma coisa íntima, uma coisa de dentro do terreiro. As oferendas e a comida para Exu é uma coisa para o povo de dentro do terreiro, não é para o público, para evitar interpretações errôneas. O público jamais pode participar de uma coisa dessa. Exu tem seu cantinho de trabalho, tem seu quartinho, onde se faz as obras de ações dele, a franquia dele.

Kawé: Como é a sua rotina para atender clientes no jogo de búzios, o senhor joga sempre, todos os dias, atende o povo de maneira geral?

PP: Eu atendo qualquer pessoa. Na parte da manhã, eu não tenho problema, mas até às 16, eu tenho outras coisas, minha vida pessoal, eu sou Pedro. Pela manhã, das 9 ao meio-dia, pode vir. Meio-dia eu encerro.

Kawé: Como tem sido ser filho de Oxóssi?

PP - Maravilhoso. Oxóssi é um *gentleman*. É o relações públicas do candomblé. O pessoal diz, aqui, na minha casa que eu, com essa idade, quando Oxóssi me pega aqui para dançar, nesse baracão, me torno um rapaz de 18 anos, na dança, na fala. Oxóssi faz a plateia vibrar, irradia ju-

ventude, é feliz, cavalheiro.

Kawé: Como foi ter enfrentado a condição de ser um homem bonito dentro do candomblé?

PP: Isso tem suas coisas boas e pesadas. Mas eu, na minha juventude, fui considerado um dos homens mais bonitos de Ilhéus, mas era um problema porque eu tive que saber me respeitar para poder respeitar muito a família dos outros e ter esse prestígio que tenho até hoje. Respeitei sempre mulher e filha dos outros. Então, paciência, tem que ter muita paciência, muita. Ter a cabeça no lugar, mas é uma luta.

Kawé: O que o senhor fazia na Prefeitura facilitou também a existência do terreiro?

PP: Sempre fui chefe de gabinete do prefeito. Entrei ali e saí como chefe de gabinete de 13 prefeitos, eu fui chefe deles todos. E é claro que isso facilitou a existência do terreiro. Acabei de dizer que a Igreja Católica não permitia as pessoas do candomblé serem padrinhos ou madrinhas, ninguém batizava. Então eu ia na igreja como chefe de gabinete do Prefeito, pronto. Pai-de-santo ficava em segundo plano. Sempre tive as portas abertas por isso. Por isso que brigo dentro do candomblé, com minhas amigas, mães-de-santo. Digo: procurem emprego, tenham uma profissão, não sejam só batedor de atabaque... Stella, em Salvador, escritora, com colégio, com um serviço assistencial maravilhoso no bairro. Eu sou o pai-de-santo que mais atuo no bairro, na parte assistencial de médico,



ambulatório, remédio. Eu me viro, pego receita desse povo, adoto; vou a vereador, a deputado, adoro arranjar tarefas, não posso ficar parado. É horrível só viver de uma única coisa. As pessoas ficam embrutecidas, fanáticas e eu não suporto fanatismo. Seja na Igreja Católica seja na Igreja Protestante. Tenho muitos amigos protestantes e até mesmo pastor. Fanatismo para mim é a pior coisa que existe. As pessoas, quando são fanáticas, ficam intransigentes e consideram que o mundo todo é errado, certas só estão elas. E não pode ser assim. Tem que se saber viver com todo mundo. Gostoso é você ter uma palavra de carinho, que agrade todo mundo, confortar as pessoas, fazer com que elas saiam lhe querendo bem. Isso é que faz a vida.

Kawé: Como este seu terreiro se mantém?

PP: Eu entrei no candomblé como estou até hoje. Se vou fazer festa, todos os filhos devem colaborar com o que podem. Tem que ser assim porque isso aqui é uma comunidade. Tem que se viver aqui em regime comunitário. Há lugares em que se paga mensalidade no candomblé, mas eu não concordo com isso. Nesse sentido, muita coisa que alguns filhos meus fazem por aí não aprenderam comigo. Eu sou do tempo em que o candomblé era como estou lhe dizendo. Todos os grupos religiosos se mantêm com a ajuda dos participantes. Na Igreja Católica, a quantidade de dinheiro não é determinada. O dízimo existe, mas você dá o que

quer. Na Igreja Protestante, é obrigatório pagar o dízimo com uma quantidade determinada.

Kawé: Uma renomada mãe-de-santo de Salvador, numa entrevista, afirmou que o candomblé vai se acabar...

PP: Não se acaba, se renova. Mesmo, é preciso olhar o candomblé sem as pechas intelectualóides. Candomblé não é uma religião tradicional; é uma crença. É preciso compreender isso. Nem mesmo o protestantismo é religião. Religião é o Cristianismo. O catolicismo,



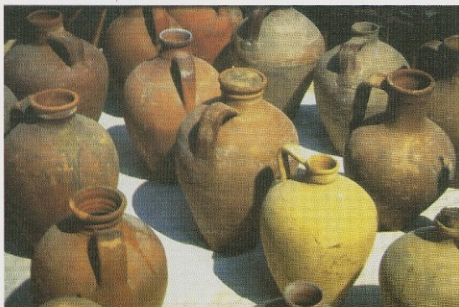
foto: Consuelo Oliveira

mesmo, varia tanto. A Igreja Copta, por exemplo, tão diferente da anglicana. E é essa diversidade toda que permite o cristianismo sobreviver. Então não é possível a sobrevivência do candomblé como um bloco único, daí o benefício da diversidade. E ainda: querer acabar com o sincretismo é coisa que não dará certo. Isso vem da raiz do candomblé no Brasil, consequência da convivência entre o povo negro e o povo branco. E compõe a cultura popular e o que faz parte da cultura popular só o próprio povo pode mudar. Não muda assim, apenas porque um líder religioso não gosta, ou não admite. Já vi candomblé nas mais diversas regiões do Brasil. E sempre vi diferenças. No Maranhão, por exemplo, é o Tambor de Minas, de origem jeje. Bem diferente do que se faz na Bahia. Querer que lá e cá as coisas sejam as mesmas é bobagem de quem quiser que as coisas sejam iguais. Outro lugar de culto diferente: a Ilha de Itaparica, na Casa de Babá, onde se cultua Egun. Querer que tudo isso se transforme numa coisa só não dá. Veja por exemplo o vodu no Haiti, completamente diferente do nosso candomblé. No entanto tudo isso tem a mesma raiz comum que veio da África. E na América, para sobreviver, tudo isso se transformou. E só sobreviveu porque se transformou. O que não admitiu transformação desapareceu para sempre. Morreu. Estou completando, exatamente hoje, 57 anos de casa de santo aberta em Ilhéus e esse tempo já me foi bastante para entender isso. O mal do candomblé é que poucos pais e mães-de-santo lêem,

estudam, pesquisam. Ficam só na parte dos rituais e se prendem apenas nisso sem entender o resto.

Kawé: Interessante é perceber que o senhor está nos apresentando o candomblé como um processo histórico cuja base é a mudança...

PP: É preciso acompanhar as mudanças, se não tudo termina caduco e fossilizado. Quando entrei no candomblé, roupa de orixá era confeccionada com morim e chitão e não se admitia outros artigos. E hoje as plumas, as jóias, as sedas, os brocados fazem a beleza das vestes dos orixás. O piso do barracão tinha que ser de chão batido. Não se admitia outro material. Hoje, os azulejos, o mármore, a cerâmica trazem beleza e conforto. Nem por isso o orixá deixou de ser orixá. O combustível era exclusivamente a lenha e as panelas eram de barro. Hoje, para você cozinhar alguma coisa depressa, um axoxó, por exemplo, põe o milho na panela de pressão e daí a 15 minutos está pronto. Faci-



Fotes: cerâmica popular

lita a vida, economiza energias. Então pra que negar o progresso? Por amor ao atraso?!

Kawé: Mas há algumas coisas em relação à tecnologia moderna a que o candoblé ainda resiste. As casas tradicionais não permitem gravar, filmar, fotografar...

PP: Pois é. Não se permitia... Em minha casa pode filmar, pode fotografar. Que mal faz tirar uma foto com a pessoa que está manifestada com o orixá? Foto é documento e com ela você pode provar algo que seja posto em dúvida depois. Alguém dizer “Fulano nunca foi feito” e a pessoa provar: “Fui,

sim, está aqui a prova de minha feitura, do dia em que meu orixá deu o nome...” É um documento. Agora, não vai se fotografar aquilo que é do fundamento, uma matança, por exemplo. Isso cabe apenas ao povo da casa testemunhar. Mas a festa, que mal tem em fotografar? Nenhum. Eu mesmo tenho arquivo fotográfico de todas as minhas festas, além de fitas gravadas. Às vezes quero reviver um momento que já vai se apagando e ponho a fita no vídeo. Me divirto, dou muita risada. Revejo pessoas, situações, noto detalhes que não gostei e corrijo. Creio que tudo isso é muito importante e não podemos abrir mão das conquistas do progresso.

